

# Pastores assembleianos na Universidade: A Polissemia assembleiana da Terceira Geração Pastoral

*Gedeon Freire de Alencar<sup>1</sup>*

## RESUMO

Em termos quantitativos, a população universitária e a membresia das Assembleias de Deus são parecidas. Em 1991, os universitários eram 3.928.260 e os assembleianos 2.439.770. Em 2010, o número de universitários subiu para 12.679.010 e o de assembleianos para 12.314.410. Cresceu o número de universitários e também o de assembleianos, inclusive de assembleianos universitários e de pastores. Quem são esses pastores assembleianos com nível superior e o que eles pensam? Foram enviados mais de mil emails para pessoas que integravam listagens de convenções, ministérios e igrejas, e também para amigos indicados por essas pessoas. Preenchidos e devolvidos, somaram 84 questionários. A primeira parte eram questões pessoais: residência, idade, sexo, estado civil, escolaridade, profissão e ministério, conversão. Além dessas questões, a pesquisa se dividiu em blocos: questões doutrinárias, institucionais, políticas e sociais. O caleidoscópio absolutamente multifacetado e plural mostra a cara dessa denominação que tem um nome único, *Assembleias de Deus*, mas essa pluralidade não está apenas no nome, mas também em sua natureza. Atualmente, são mais de 12 milhões de assembleianos

---

<sup>1</sup> Gedeon Freire de Alencar, doutor em Ciências da Religião (PUC-SP), é diretor pedagógico do Instituto Cristão de Estudos Contemporâneos – SP.

(dados do Censo 2010), conquanto seja impossível quantificar o número de pastores/as. Desde a década de 1950, a Assembleia de Deus é a maior denominação pentecostal do país, embora diferentes entre si, distintas e, quase sempre, divergentes. Nasceram em 1911 já plurais, mas a terceira geração de pastores assembleianos leva isso ao extremo. Esse novo *estamento assembleiano* – pastores com curso universitário e/ou pós-graduação – é uma nova liderança: quais condutas, tendências doutrinárias e políticas é o que se pretende entender nesta pesquisa.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Universitários. Pastores Assembleianos. Identidade. Bricolagem Religiosa. Assembleias de Deus.

### **ABSTRACT**

In quantitative terms, university student population and the membership of the Assemblies of God are alike in Brazil. There were 3,928,260 university students in 1991 and 2,439,770 members in the Assemblies of God. In 2010, the number of students had risen to 12,679,010 students and to 12,314,410 for members of the Assemblies of God. Both the number of university students and Assembly of God members have increased, including university students who are members or pastors from the Assemblies of God. Who are these university graduate Assembly of God pastors and what do they think? Over a thousand emails were sent to people from listings of conventions, ministries and churches, and also to friends indicated by those people; and 84 questionnaires were filled and returned. The first part of the questionnaire dealt with personal information questions: residence, age, sex, marital status, education, occupation, ministry, and conversion. Besides that, the research was divided into blocks: doctrinal, institutional, political and social issues. The multifaceted and plural kaleidoscope shows the face of this denomination that has a unique name, Assemblies of God, but this plurality isn't only in its name, but also in its nature. There are currently more than 12 million members in the Assemblies of God (2010 Census), and it is impossible to quantify the number of ministers both male and female. Since the 1950s the Assemblies of God has accounted for the largest Pentecostal denomination in the country; and its associated churches are diverse, different, and often divergent. They were born plural in

1911, but the third generation of the Assembly pastors has taken it to the extreme. This new Assembly of God estate (ou “stratum”) makes up a new leadership. This research intends to understand the conduct, doctrinal and political trends of the current Assembly of God leadership.

## KEYWORDS

University Students. Assembly of God Pastors. Identity. Religious Bricolage. Assemblies of God.

## Considerações iniciais

Dentre as muitas mudanças das últimas duas décadas no Brasil, escolhemos duas para analisar: o crescimento do ensino superior e da membresia das Igrejas Assembleias de Deus-ADs. Segundo o Censo em 1991, existiam 3.928.260 universitários e 2.439.770 assembleianos, e em 2010, o número de universitários subiu para 12.679.010 e o de assembleianos para 12.314.410. Houve entre 1991-2000 um crescimento de 242% dos assembleianos e apenas de 42% dos universitários, mas na década de 2000-2010, enquanto os universitários cresceram 126% os assembleianos apenas 46%. Portanto, em termos quantitativos os grupos estão próximos, a diferença é percentual. O número de universitários está crescendo inclusive entre os assembleianos. Em 1911, quando as ADs surgiram em Belém do Pará, pouquíssimos brasileiros tinham acesso à universidade, muito menos a pós-graduação, aliás, inexistia na época. Na atualidade, o subcampo pentecostal assembleiano, na base da pirâmide social, também teve ascensão social e ingressou no ensino de terceiro grau. Hoje diversos pastores assembleianos têm formação universitária. Quem são essas pessoas? O que pensam sobre os temas doutrinários e institucionais internos da denominação e também sobre os problemas externos que dizem respeito à sociedade em que vivem?

Esse novo *estamento* pastoral-acadêmico portador de um tipo de conduta, na clássica definição weberiana, está assumindo cargos burocráticos na estrutura das convenções e ministérios<sup>2</sup> e, principalmente,

---

<sup>2</sup> *Convenção* é um órgão administrativo na qual são filiados os pastores, apesar de se registrarem como “Convenção das Assembleias de Deus” (existem diversas convenções

liderando as igrejas locais. Essa elite dirigente assembleiana comanda cerca de 6% da população brasileira, ou mais de 12 milhões de pessoas; e esse grupo ainda está em crescimento quantitativo. São líderes carismáticos com acentuada tradição e forte ligação com seus seguidores, detendo alguma forma de monopolização dos bens de salvação, em processo de ascensão econômica e articulação política. Entender quem são e o que pensam os membros desse estrato social, apesar dos limites dessa pesquisa e pela falta de dados comparativos de outros estratos similares (ou mesmo de pastores assembleianos em outros tempos e lugares), é que pretende esta pesquisa.

### 1. História das ADs e periodização.

As ADs nasceram em 1911, em Belém – PA, a partir de um grupo de oração pentecostal que se realizava nas dependências da *Primeira Igreja Batista de Belém*, sob a liderança dos missionários suecos Gunnar Vingren (1879-1833) e Daniel Berg (1884-1963). Inicialmente se chamava *Missão da Fé Apostólica* e, em 1918, assumiu o nome *Assembleias de Deus*, nome idêntico da denominação que nascera em 1914, nos EUA. Embora esses suecos tenham vindo dos EUA, não havia oficialmente nenhum vínculo deles com o movimento pentecostal estadunidense, e ao longo dos anos reforçam-se os vínculos com a *Igreja Filadélfia* (8ª Igreja Batista em Estocolmo), de onde vêm, nas próximas décadas, os mais de 60 missionários suecos para a consolidação desta igreja no Brasil. Desde seu início, esse grupo já se mostra pluralizado, pois é composto por diversos migrantes estrangeiros e nacionais. Em seu exacerbado congregacionalismo, as igrejas surgem de maneira aleatória e se fortalecem de forma autônoma.

Estabelecemos a seguinte periodização: primeiro período, o *movimento pentecostal* que vai do nascimento em 1911 a 1946, quando se

---

nacionais ou apenas de um estado da federação), elas não são convenções de igrejas, mas de pastores. *Ministério* é agrupamento de igrejas (podem também ser nacional, estadual ou municipal) ligadas a determinada igreja-sede. Convenções não compostas por Ministérios (Correa, 2013, Alencar, 2013).

consolida seu processo de institucionalização no registro de personalidade jurídica de sua Convenção Geral. O segundo período é a *instituição pentecostal* em processo de institucionalização da tradição vai de 1946 a 1988, em um país urbano e modernizando-se, essa denominação se fragmenta em Ministérios Corporativos<sup>3</sup>, em uma luta fratricida e sem fim. O terceiro é a *corporação pentecostal*, período entre 1988 a 2011 quando celebra seu centenário marcado por racionalização econômica e disputas entre grupos de poder. Em um país majoritariamente urbano, os assembleianos, como a população em geral, participam do processo de ascensão social e as condutas individuais e também dos grupos se diversificam. Nessa óbvia hibridação há uma disputa de diversos elementos internos e externos na mídia, na política, na economia e na sociedade em geral. Dois grupos prioritariamente monopolizam a disputa desse capital simbólico, a CONAMAD e a CGADB<sup>4</sup>. Esse primeiro período é majoritariamente carismático, o segundo é tradicional, o terceiro é burocrático-racional, conquanto ambos de forma sincrônica e diacrônica apresentem simultaneamente esses elementos da análise weberiana<sup>5</sup>.

## 2. A pesquisa: aspectos técnicos, problemas e delimitações.

A pesquisa foi realizada via internet<sup>6</sup>. Foram enviados e-mails com o *link* do questionário para membros de listagens de todas as Convenções

<sup>3</sup> CORREA, 2013; ALENCAR, 2011; 2013.

<sup>4</sup> Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB e Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – Ministério de Madureira – CONAMAD. Siglas que usaremos no decorrer do trabalho.

<sup>5</sup> Essa é a síntese de minha tese de doutorado apresentado na PUC-SP em 2012 (Alencar, 2013).

<sup>6</sup> As questões da pesquisa foram enviadas e transferidas para a ferramenta de pesquisa e coleta de dados através do formulário *Google Docs*, que envia uma URL (incorporação em página web) do mesmo para os entrevistados, que efetuam o preenchimento, escolhem opções e enviam as respostas. Segue-se com a recepção de resultados já tabulados em planilhas e gráficos. O primeiro email foi enviado no dia 10/01/2013, nos primeiros dias tivemos um grande retorno, depois disso o fluxo parou. O último questionário foi recebido no dia 08/10/2013. A parte técnica foi efetuada por Ana Carolina Ebenau, bacharel em ciências da computação, a quem agradeço.

Regionais e Estaduais filiadas à CGADB e CONAMAD<sup>7</sup>, e também para convenções e ministérios autônomos e igrejas assembleianas diversas, localizadas a partir de *sites* e páginas em redes sociais, invariavelmente usando emails institucionais. Também foram enviados para listagens de pastores independentes, pedindo a essas pessoas a indicação e encaminhamento do questionário a outras pessoas que consistissem o nosso público alvo<sup>8</sup>. Por fim, também usamos *blogs* assembleianos como meio de divulgação da pesquisa<sup>9</sup>. No total, foram enviados mais de mil *emails*.

O público pesquisado: *pastor assembleiano com terceiro grau completo*. Esse perfil tem as seguintes razões: 1. O universitário tem mais acesso e habilidade com o mundo virtual; 2. A internet universaliza o acesso, daí temos uma representativa resposta do país inteiro. Pessoalmente, ou via correio, uma pesquisa nacional iria precisar de um suporte financeiro e de uma equipe; 3. Assegura a confidencialidade das respostas, pois o pastor em seu ambiente de trabalho religioso poderia se sentir coagido a responder de acordo com os cânones de sua igreja, e não mais livremente diante de sua consciência; 4. Pastores assembleianos com nível universitário teriam presumivelmente maior e melhor entendimento das questões teológicas, institucionais e socioeconômicas propostas; 5. Esses indivíduos estão na liderança das igrejas ou fazendo parte da burocracia estamental da instituição; estão, assim, decidindo seus rumos.

Primeiro e talvez o maior problema: as perguntas podem ter sido respondidas por alguém que não seja pastor assembleiano e sem o 3º grau? Sim<sup>10</sup>. Entretanto, com ou sem a titulação “pastor assembleiano”

---

<sup>7</sup> Essas duas Convenções são nomeadas, pois estão presentes em todos os estados brasileiros de acordo com seus *sites*, mas existem inúmeras outras convenções, também de dimensão regional, nacional e até internacional.

<sup>8</sup> Recebi diversos emails-resposta. Desde a desconfiança visível de que forma essas respostas seriam identificadas (talvez por isso muitos não responderam), ao questionamento sobre a minha qualificação como pesquisador, de minha filiação religiosa, e até mesmo do meu sobrenome. Também justificativas objetivas para não contribuir, tais como: “não sou pastor”; “não sou pastor assembleiano”; “apesar de ser pastor assembleiano não tenho curso superior”.

<sup>9</sup> O uso de *blogs* assembleianos de conhecidos e amigos foi uma tentativa de *legitimar* a pesquisa depois de diversas negativas com suspeição.

<sup>10</sup> Até mesmo teses e artigos científicos publicados em revistas acadêmicas internacionais são plagiados ou têm seus dados alterados.

ou o grau universitário, uma pessoa de fora desta igreja (sem conhecimento interno do funcionamento de suas estruturas, de sua história e teologia) não conseguiria responder, pois as questões pedem um conhecimento quase “esotérico”. Ademais, o questionário foi montado de forma que sem responder uma pergunta não se podia avançar; ou seja, todas tinham respostas obrigatórias.

Não existe – até onde conhecemos – alguma pesquisa com pastores assembleianos para fazermos uma comparação, algo que o CERIS<sup>11</sup> já fez mais de uma vez com religiosos católicos.

*Estamento pastoral*<sup>12</sup>. Pastor não é uma classe social econômica, é um *estamento* portador de conduta cultural. Como indica, “‘As classes’ se estratificam de acordo com suas relações com a produção e aquisição de bens, ao passo que os ‘estamentos’ se estratificam de acordo com os princípios de seu consumo de bens, representado por estilos de vida especiais”. Estamento, portanto, não é uma “condição de classe”, mas uma “condição social”; não é uma *classe* no sentido marxista, por isso, então, não é uma realidade exclusiva e prioritariamente econômica, é mais um grupo de *status*, um “estilo de vida”; um “*habitus*” ou uma “estrutura estruturante”<sup>13</sup>. Ou seja, por causa de seu estamento cultural, esse indivíduo tem uma determinada atitude diante do mundo e isso é alterado fundamentalmente por sua religiosidade. “Os grupo de status são portadores de todas as convenções: toda a estilização da vida”<sup>14</sup>. Os membros de um grupo de status são “portadores de convenções”, produtores de símbolos culturais dentro de uma “lógica de distinção”<sup>15</sup> caracterizam distintamente pelo vestuário, privilégios honoríficos e posição econômica. Esse grupo portador de uma conduta é reproduzidor de valores, defensor de interesses e delimitador de espaços, enquanto produtor dos bens de salvação.

Conquanto, nos pentecostalismos e nas ADs, é necessário relativizar o presumível abismo entre produtores e consumidores de bens simbólicos existente nos demais grupos religiosos. Mesmo existindo ainda *alguma* monopolização dos bens simbólicos, nas ADs, à exceção de celebração

<sup>11</sup> Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais: [www.ceris.org.br](http://www.ceris.org.br).

<sup>12</sup> WEBER, 2002, p. 135.

<sup>13</sup> BOURDIEU, 1999.

<sup>14</sup> WEBER, 1998, p. 653.

<sup>15</sup> BOURDIEU, 1999, p. 17.

de casamento, batismo e santa ceia, todos os membros, indistintamente, são produtores e consumidores, sem distinção de titulação, gênero, escolaridade ou classe social: pregar, testemunhar, cantar, realizar um culto, evangelizar e todas as demais atividades religiosas do grupo, bem diferente do que ocorre na Igreja Católica e demais igrejas.

Chama atenção para a “significação cultural dos estamentos”,<sup>16</sup> então se a titulação de pastor já traz algum *status*, o que dizer do título de “pastor doutor”<sup>17</sup> no Brasil, o país da “cultura do bacharelismo”, onde simples graduados ou detentores de posses financeiras se autodenominam doutores e exigem reverência à altura<sup>18</sup>.

### 3. A polissemia assembleiana: problematizações.

Não existe *Assembleia de Deus* no singular, mas *Assembleias*, no plural. Desde seu nascimento nos EUA, em 1914, e no Brasil, em 1918, elas se assumem com o nome e a natureza plural, pois inclusive são congregacionais, portanto um aglomerado de igrejas locais – assembleias –, formalizando uma denominação. Em pesquisas anteriores<sup>19</sup> já analisamos essa questão, porém de forma essencialmente historiográfica e conceitual, conquanto os trabalhos citados indicassem apenas esses aspectos, nessa pesquisa etnográfica temos uma configuração polissêmica de opiniões diversas e extremamente dispareas da elite dirigente dessa igreja. Portanto, essa pesquisa de opinião comprova que as ADs são multifacetadas. Há pastores assembleianos de todos os matizes.

A pesquisa foi dividida em quatro blocos: questões pessoais, doutrinárias, institucionais, políticas e sociais<sup>20</sup>. Havia questões objetivas

<sup>16</sup> WEBER, 2004, p. 41.

<sup>17</sup> Educação ou escolaridade é um dos elementos produtores de distinção (Bourdieu, 1974, p. 222).

<sup>18</sup> No Ministério de Madureira, os pastores se referem ao bispo Manoel Ferreira, advogado, como “pastor doutor”, e na divulgação internacional das CGADB, o pastor José Wellington também é chamado de “pastor doutor”.

<sup>19</sup> ALENCAR, 2010, 2013.

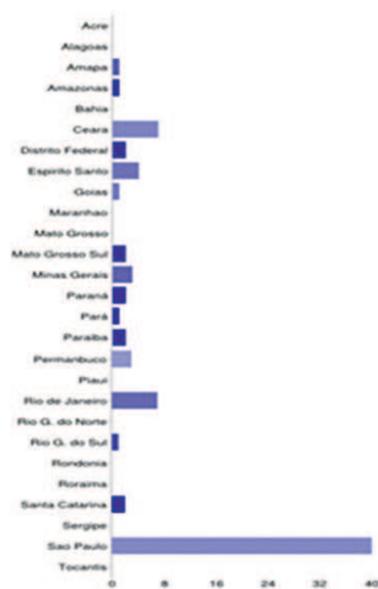
<sup>20</sup> Muitas outras questões poderiam ser exploradas: a relação entre o crescimento da membresia e o número de universitários na população de cada estado; o crescimento do nível de escolaridade, renda e consumo nas classes C e D. Uma questão importante

como: idade, residência, data da conversão, escolaridade, profissão, estado civil, filiação convencional, conhecimento acadêmico sobre as ADs e o pentecostalismo brasileiro e mundial. Também questões avaliativas e valorativas foram colocadas com cinco opções de respostas numéricas, para, evidentemente, ficar mais fácil a computação dos resultados. Assim, foi estabelecida a seguinte gradação:

1	2	3	4	5
Absolutamente a favor	A favor	Indiferente	Contra	Absolutamente contra

### Questões pessoais:

Amapá	1	1,19%
Amazonas	1	1,19%
Ceará	7	8,3%
Distrito Federal	2	2,4%
Espírito Santo	4	4,5%
Goiás	1	1,19%
Mato Grosso Sul	2	2,4%
Minas Gerais	3	3,5%
Paraná	2	2,4%
Pará	1	1,19%
Pernambuco	2	2,4%
Pernambuco	3	3,5%
Rio de Janeiro	7	8,3%
Rio G. do Sul	1	1,19%
Santa Catarina	2	2,4%
São Paulo	44	52,3%
Acre, Alogos, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Piauí, RG Norte, Rondônia, Roraima e Sergipe, Tocantins.	0	
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	



*Representatividade, membresia assembleiana e população universitária.* Muito significativo que tenhamos respostas do extremo Norte ao extremo Sul, do Amapá ao Rio Grande do Sul. Em virtude de termos usados os *e-mails* dos *sites* das convenções, foram alcançados todos os Estados da Federação, mesmo assim 11 estados zeraram. Isso poderia gerar uma grande distorção no resultado geral, pois somente São Paulo e Rio de Janeiro totalizam mais de 60% dos pesquisados. No entanto, é necessário lembrar que a Região Sudeste detém 42% da população

seria o perfil econômico e renda dos pastores, mas temendo uma adesão ainda menor, optamos por não perguntar sobre renda.

brasileira e 37% da membresia assembleiana. Ademais, na Região Sudeste estão 53,8% dos universitários e 57,2% dos pós-graduandos brasileiros; portanto, a existência de pastores assembleianos universitários e com pós-graduação é mais provável nessa região do que em outras.

**Tabela da população por Região em relação da membresia assembleiana em 2010.**

REGIÕES	População	Habitantes por região	Membresia das ADS	Membresia por região	Pesquisas respondidas	%
NORTE	15.865.678	8%	1.929.330	15,6%	3	3,57%
NORDESTE	53.078.137	28%	3.364.414	27,3%	12	14,2%
SUDESTE	80.353.724	42%	4.608.078	37,4%	58	69,0%
SUL	27.384.815	14%	1.235.909	10,0%	6	7,14%
CENTRO-OESTE	14.050.340	8%	1.176.679	9,5%	5	5,95%
Total	190.732.694	100%	12.314.410	100%	84	100%

Fonte: Censo 2010/IBGE

Por isso é necessário fazer uma relação entre o percentual da membresia assembleiana com o número de universitários e pós-graduandos por Região:

REGIÕES	Membresia das ADS	Membresia por região	Universitários Por região	Universitários por região	Pós-graduandos por região	Pós-graduandos por região
NORTE	1.929.330	15,6%	611.081	4,81%	28.401	3,61%
NORDESTE	3.364.414	27,3%	2.077.493	16,3%	108.925	13,8%
SUDESTE	4.608.078	37,4%	6.831.745	53,8%	449.099	57,2%
SUL	1.235.909	10,0%	2.072.815	16,3%	129.116	16,4%
CENTRO-OESTE	1.176.679	9,5%	1.085.876	8,56%	69.206	8,81%
Total Brasil	12.314.410	100%	12.679.010	100%	784.748	100%

Fonte: IBGE – Censo 2010

*Dados pessoais e representação feminina.* É impossível saber o número total de pastores no Brasil, mais ainda de pastoras, conquanto diversos ministérios autônomos e algumas convenções tenham aceitado o exercício pastoral feminino, elas são visivelmente uma minoria<sup>21</sup>. Apesar

<sup>21</sup> Conseguimos identificar apenas a CONAMAD, embora uma oficialização patrimonialista marcada ainda mais pela consanguinidade, pois, foram “consagradas” ao

de muitas tentativas por telefone e *email* com pastoras, o resultado foi pequeno<sup>22</sup>.

### Estado Civil



Estado Civil		
solteiro	5	5,9%
casado	77	91,6%
divorciado	1	1,19%
viúvo	1	1,19%

Sexo		
Masculino	82	97,6%
Feminino	02	2,4%
Total	84	

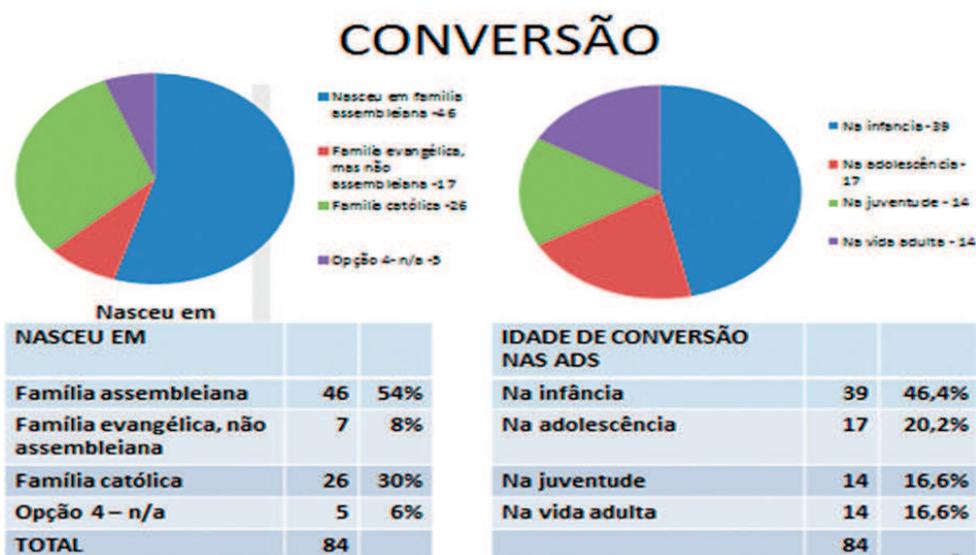
Três resultados foram um tanto óbvios: média de idade, tempo de conversão e estado civil. Dado o perfil da pesquisa, encontrar 69,4% dos pastores entre 31 a 45 anos era razoavelmente previsível. As centenárias ADs estão em sua terceira geração pastoral; diferentemente da primeira e segunda geração que majoritariamente se converteu na vida adulta, a atual e terceira geração nasceu assembleiana (54%) ou em família evangélica (8%), mesmo que o catolicismo continue sendo o “doador universal” (Almeida, 2006) com 30% de ex-católicos. Apesar da previsibilidade de pastores casados em mais de 90% (pois pouquíssimas igrejas aceitam ministério pastoral de solteiros), foi surpresa os 5,9% de pastores solteiros, possivelmente faça sentido nesse perfil pesquisado do assembleianismo autônomo e provavelmente deve estar acima da média geral dos pastores da ADs. Difícil mesmo é encontrar um pastor assembleiano divorciado ou viúvo mantendo essa condição por muito tempo.

pastorado de forma compulsória apenas as esposas dos pastores presidentes de Ministérios desta Convenção. Ligada à CGADB, até o momento, somente a CEADIF. Uma convenção autônoma como a da AD em Anápolis tem mulheres pastoras. Os novos ministérios como, por exemplo, *AD Bom Retiro*, em São Paulo, e *AD Vitória em Cristo*, no Rio de Janeiro, já se oficializaram com pastoras desde suas fundações.

<sup>22</sup> Uma me falou especificamente que suas colegas tinham medo de serem identificadas. Algo que também aconteceu com alguns pastores.

Conquanto não seja objetivo desta pesquisa uma comparação entre as ADs no Brasil versus nos EUA, os números são bem distintos, mas os percentuais de casados, solteiros e divorciados se aproximam. Mostram que, a exceção da membresia e dos gêneros nos exercício pastoral, as denominações se parecem. Lembrando mais uma vez algo fundamental, os dados brasileiros são resultado das respostas obtidas nos questionários, não temos, portanto, a pretensão de oficializá-los, já os americanos são oficiais.

Dados	ADs – EUA <sup>16</sup>	ADs – Brasil
Membresia	3.095.717	12.314.410
Ministros casados	88%	91,6%
Ministros solteiros	6%	5,9%
Ministros divorciados	1,6%	1,19%
Ministros viúvos	4,1%	1,19%
Ministros homens	77,2 %	97,7%
Ministros mulheres	22,3 %	2,4%



*A questão da escolaridade.* O perfil universitário já foi justificado, mas é necessária uma explicação pelo alto número de titulação de 34 mestrados (40,4%) e 9 doutorados (9,52%), visivelmente acima da média brasileira. Muitos *emails* foram enviados para alunos e ex-alunos de cursos de pós-graduação de teologia e ciências da religião por intermédio de amigos e professores desses cursos, utilizando suas próprias

<sup>23</sup> Disponível em: <http://agchurches.org/Sitefiles/Default/RSS/AG.org%20TOP/AG%20Statistical%20Reports/2013/Ide711%202013%20Sum.pdf>. Acesso 04/06/2014.

listagens de contatos. Assim objetivamos uma resposta maior desse grupo, até porque alguns estão pesquisando algo similar e/ou estão interessados nesses dados. E ninguém melhor para entender e valorizar – e ajudar – uma pesquisa do que um aluno de pós-graduação no labor de sua pesquisa. Não é possível tabelar os cursos, pois muitos indicaram apenas “curso superior”, sem indicação específica, mas tivemos 7 formados em direito, 28 em teologia, 2 em ciências da saúde e 10 em ciências exatas (tecnologia de computação, engenharia, etc.)<sup>24</sup>.

Não existem pesquisas anteriores sobre a membresia assembleiana e o ensino superior, mas é um tanto óbvio que décadas atrás o público assembleiano era ínfimo neste contingente. Houve um considerável aumento da escolaridade no país inteiro e também no grupo assembleiano. Se nas primeiras décadas houve um desprezo escatológico pela educação formal, nos últimos anos aconteceu o inverso<sup>25</sup>; ou seja, se no início se aceitava apenas o “reconhecimento do Espírito Santo”, agora, por causa das escolas teológicas das ADs, a ênfase é no “reconhecimento do MEC” (Alencar, 2013). E conquanto os percentuais de crescimento sejam distintos dos números da membresia assembleiana, o dos universitários são bem próximos, conforme mostra o quadro abaixo (a questão crescimento da membresia das ADs & universitários será analisada no final do texto).

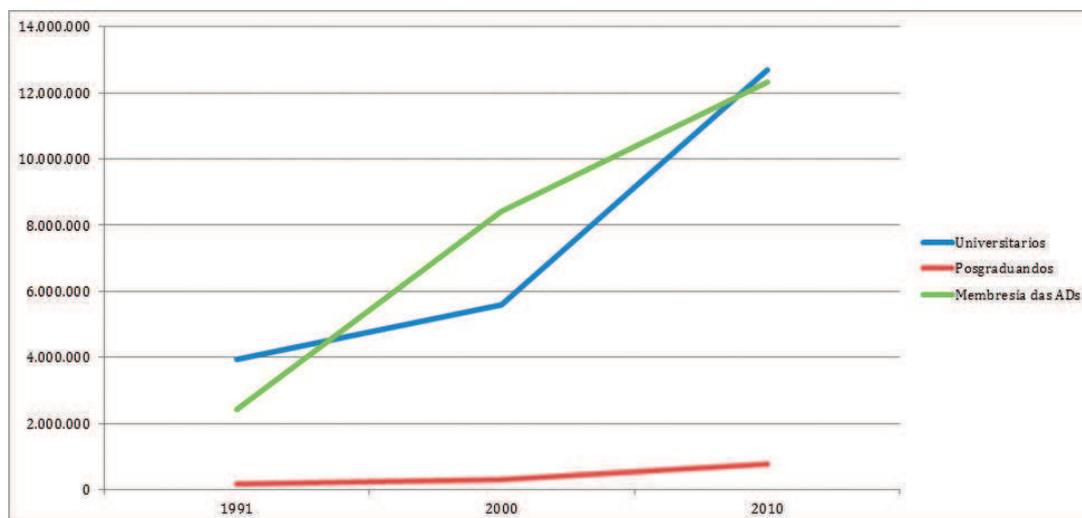
**Tabela da população brasileira, universitários, pós-graduandos, assembleianos e taxa de crescimento.**

	1991	2000	% de crescimento entre 1991-2000	2010	% de crescimento entre 2000-2010
População Brasileira	146.814.061	169.870.803	15,705	190.732.694	12,281
Universitários	3.928.260	5.585.835	42,196	12.679.010	126,985
Pós-graduandos	151.205	304.795	101,577	784.728	157,461
Membresia das ADs	2.439.770	8.418.140	245,038	12.314.410	46,284

Fonte: IBGE

<sup>24</sup> Talvez esse fosse um interessante indicador das condutas e valores sociais, como Weber verificou em seu clássico livro *Ética Protestante*, na sua análise dos interesses católicos e protestantes. Determinadas camadas sociais são “portadores” de uma determinada conduta.

<sup>25</sup> POMMERENING, 2012.



*Exercício pastoral e exercício profissional.* Esse é, a meu ver, o elemento fundamental para explicação da polissemia assembleiana. Apenas 25% desses pastores estão exclusivamente na vida pastoral, os demais exercem também outra função, isto é, recebem salário de outra fonte. Isso lhes dá independência institucional e teológica em suas opiniões. A educação, como já indicado, é elemento fundamental na delimitação da conduta desse grupo de status e quanto maior a ascensão social maior a racionalização e sistematização ética do grupo e menor a mistificação da realidade. Portanto, somando as colunas 1, 2 e 3 (absolutamente a favor; a favor; indiferente) temos o percentual de 22% *não contra* aos cultos afro; 8% ao casamento gay; 6% ao aborto e consideráveis 34% *não contra* ao ecumenismo.

Ou ironicamente inverso a tudo que se diz ou se pensa sobre a identidade pentecostal, na soma das colunas 4 e 5 (contra ou absolutamente contra), existir 7% de pastores assembleianos contra ao batismo por imersão ou estranhamente 20% contra ao falar em línguas. Será que um pastor dependente exclusivamente do salário da igreja poderia se pronunciar assim?

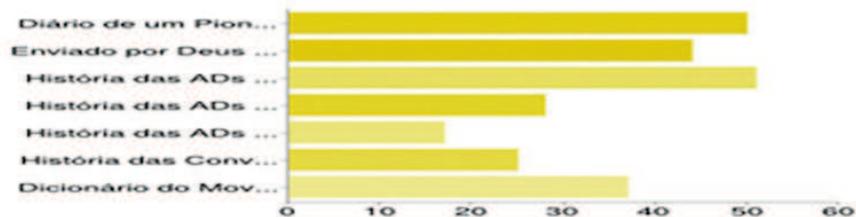
Especulando sobre essas “discrepâncias” doutrinárias, diríamos que: (1) essa opinião somente é manifesta por ser uma pesquisa confidencial, na qual o autor não é identificado; (2) alguns dos entrevistados são autônomos e fundadores de suas próprias *Assembleias*; assim, numa carreira solo podem fazer suas cartilhas doutrinárias a imagem e semelhança de si mesmos ou efetuando *bricolagens* originais; (3) pessoalmente é favor

da relação com cultos afro (12%), ecumenismo (21%)<sup>26</sup> ou indiferente ao batismo infantil (31%) ou falar em línguas (20%), mas na prática vive adequado ao modelo instituído? Por fim, será que essa nova liderança assembleiana, mais escolarizada, será cada vez mais autônoma e plural em seus posicionamentos e, assim, no futuro – ou já no presente? – os atuais tabus serão alterados?

### Questões institucionais

*Conhecimento da historiografia oficial da denominação e da produção acadêmica.* Surpreendente seria encontrar algum assembleiano que nunca ouviu falar em Berg e Vingren, mas é significativo que menos de 50% desse público – afinal, pastores – tenha lido as hagiografias dos dois suecos fundadores (Vingren – 59% e Berg 52%). A pluralização e surgimento de novas ADs, cada vez mais longe do mito fundante original, talvez explique isso<sup>27</sup>. O clássico livro de Emilio Conde, *História das ADs*, publicado originalmente em 1962, mas ainda hoje editado, é o mais conhecido (61%).

#### Conhecimento sobre a História das ADs:



LIVROS	LEITORES	Porcentagem
Diário de um Pioneiro – Gunnar Vingren	50	59,5%
Enviado por Deus – Daniel Berg	44	52,3%
História das ADs (1ª) – Emilio Conde	52	61,9%
História das ADs (2ª) – Abraão de Almeida	29	34,5%
História das ADs (3ª) – Joanyr de Oliveira	17	20,2%
História das Convenções – Silas Daniel	25	29,7%
Dicionário do Movimento Pentecostal – Isael Araújo	38	45,2%

<sup>26</sup> Um número considerável dos pesquisados são alunos e ex-alunos de pós-graduação, nesses locais e tempos eles conviveram pacificamente (sic) com pesquisadores, religiosos e militantes de diferentes religiões, isso explicaria, portanto, a baixa taxa do “contra” afro, ecumênicos, etc.?

<sup>27</sup> As pesquisas da Marina Corrêa (2010 e 2013) enfatizam o fato de que as novas ADs estão cada dia mais longe do *mito fundante*.

O alto índice de leitura de teses e dissertações, tanto sobre as ADs (60%) como sobre o pentecostalismo (78%), se explica como já dito, pelo público pesquisado de alunos/as de pós-graduandos em teologia e ciências da religião.

Já leu alguma dissertação ou tese sobre as	ADs	Pentecostalismo
SIM	51 (60%)	65 (78%)
NÃO	33 (40%)	19 (22%)
Total	84	84

*Personalidades nacionais e internacionais.* Essa era a única pergunta aberta, sem indicação de opção para assinalar, e os pesquisados tiveram que aleatoriamente indicar nomes, em três categorias: 1. *Cite no mínimo cinco as pessoas mais importantes nas ADs no Brasil;* 2. *Cinco pessoas mais importantes do pentecostalismo brasileiro;* 3. *Cinco nomes mais importantes do pentecostalismo mundial.* Apesar do perfil dos entrevistados e do nível acadêmico, aconteceram alguns erros graves. Desconhecimento histórico ou falta de atenção no preenchimento? Foram indicados como pentecostais o pastor batista Billy Graham, ou como personalidades brasileiras Boyer, Vingren, Lewis Pethrus.

Três questões a destacar. A construção do mito fundante dos dois heróis suecos. Vingren teve alguma influencia no movimento, pois foi pastor em Belém e no Rio de Janeiro, mesmo tendo sido voto vencido em quase todas as suas iniciativas. Berg foi uma nulidade enquanto vivo. Nunca teve título, cargo ou exercício ministerial, era absolutamente ignorado e invisível nos jornais e nas convenções. Ambos são “canonizados” na celebração do Cinquentenário em 1961. Vivos como os santos católicos eram pobres e marginalizados; mortos se tornaram figuras icônicas e produzindo muito lucro para a instituição.

Segundo, apesar do machismo assembleiano, as mulheres aparecem nas três perguntas. Frida Vingren (1891-1940) ficou em décimo oitavo lugar nas personalidades das ADs no Brasil, para uma mulher que foi “morta duplamente” ainda em vida, seu nome alcançou uma repercussão maior do que alguns gostariam. Celina Albuquerque (1874-1969) também faz parte do mito fundante, e também uma merecida lembrança

de Aimme McPherson (1890-1944), fundadora da *Igreja Evangelho Quadrangular*, sem dúvida a mais importante personalidade feminina no pentecostalismo do século XX.

Terceiro, a expressão “Ninguém” ou “Não sei” apareceu nas três colunas. Aversão ao personalismo, anarquismo institucional ou pura indiferença?

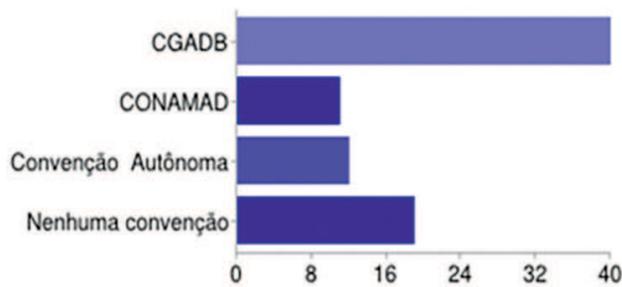
### **Tabela de personalidades mais importantes (número de citações no parêntese)**

Classificação	Nas ADs	Pentecostalismo brasileiro	Pentecostalismo mundial
1º.	José Wellington (31)	Gunnar Vingren (30)	William L. Seymour (29)
2º.	Gunnar Vingren (27)	Daniel Berg (27)	Charles Parham (19)
3º.	Daniel Berg (26)	José Wellington/ Silas Malafaia (13)	David Y. Cho (13)
4º.	Silas Malafaia (21)	David Miranda /Louis Francescon /Manoel de Melo (12)	Gunnar Vingren / Stanley M. Horton (12)
5º.	Paulo Leivas Macalão (20)	Natanael Rinaldi/ Paulo Macalão (9)	Billy Graham (10)
	Ninguém (em 20º. Lugar com 4 citações)	Ninguém (com 6 citações em 8º. )	Ninguém (com 5 citações em 9º.)
Mulheres	Frida Vingren (com 12 citações em 8º.)	Celina Albuquerque (com 5 citações em 7º.)	Aimme S. McPherson (com 6 citações em 8º.)

*A membresia institucional nas Convenções.* O resultado foi a CGA-DB com 48% das filiações, a CONAMAD com 15%, as convenções autônomas com 14% e nenhuma filiação convencional, 24%. Quase 40% não estão filiados aos dois ramos principais das ADs. É visível no país inteiro a proliferação de ADs autônomas<sup>28</sup>, no entanto, não é possível afirmar, com segurança, pois esse resultado obviamente é de quem respondeu e se mostrou interessado na pesquisa.

<sup>28</sup> Maxwell Fajardo (2011) em uma pesquisa etnográfica encontrou vinte e oito ministérios distintos assembleianos e autônomos somente no bairro de Perus, zona norte da cidade de São Paulo.

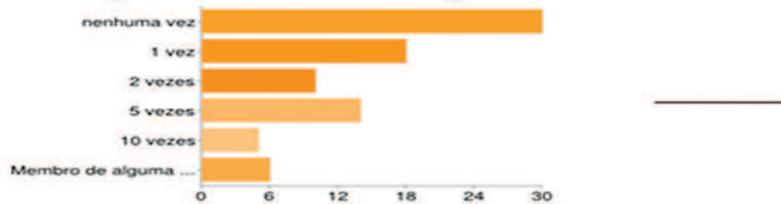
### Nacionalmente participa da:



CONVENÇÃO	FILIAÇÕES	Porcentagem
CGADB	40	48%
CONAMAD	13	15%
Convenção Autônoma	12	14%
Nenhuma convenção	20	24%
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	

Além dos *e-mails* enviados para todas as convenções estaduais e regionais filiadas tanto a CGADB e CONAMAD de *todos os estados da federação*, foram enviados também para listagens específicas de pastores membros de comissões e conselhos da CGADB, somando, com segurança, mais de duzentos *emails*, mas apenas seis questionários afirmam esse pertencimento institucional. Algumas hipóteses: responderam sem se identificar como membro da cúpula da CGADB ou CONAMAD; não responderam com medo de ter suas respostas e *emails* identificados, ou simplesmente ignoraram? Não há como saber. Contudo, ficou visível a resistência da cúpula hierárquica de ambas as convenções em responder ao questionário. Neste caso, parece que os assembleianos “autônomos” tiveram maior interesse em responder do que os “tradicionais”.

### Participa nas Convenções Nacionais:



Frequência	Participantes	Porcentagem
nenhuma vez	31	37%
1 vez	18	22%
2 vezes	10	12%
5 vezes	14	17%
10 vezes	5	6%
Membro de alguma Comissão de Convenção	6	7%
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	

Um número mais específico e oficial é o da participação nas AGO da CGADB, que indica o esgotamento institucional e perda de importância da filiação. Em 2009 participaram 17.300; na AGO de 2011, ano do Centenário, “apenas” 3.840; em Brasília, em 2013, foram 24.185 participantes. Essa oscilação se deu em razão das disputas pela presidência entre José Wellington e Samuel Câmara. Lembrando que, em décadas passadas, as convenções reuniam centenas de pastores quando essa igreja estava longe de milhões de membros. A CGADB de 2013 pode ser considerada gigantesca, com quase 25 mil participantes? Para efeitos logísticos, votação e acomodação, sim. Mas também houve nela uma demonstração de inoperância, pois mesmo se considerarmos que a CGADB tem “apenas” 50% das ADs no Brasil, isso equivale a mais de seis milhões de membros. Portanto, fica visível que um número imenso de pastores assembleianos não participa das reuniões convencionais.

### Participação e eleitores nas AGO da CGADB:

	39ª. CGADB em Vitória (ES), em 2009	40ª. CGADB em Cuiabá (MT), em 2011	41ª. CGADB em Brasília (DF), em 2013
Inscritos	17.300	3.840	24.185
Eleitores	13.247	*	16.007
Votos para Samuel Câmara	5.963	–	7004
Votos para José Wellington	6.719	–	9.003

\* Na Convenção de 2011 não houve eleição. Fonte: site da CGADB.

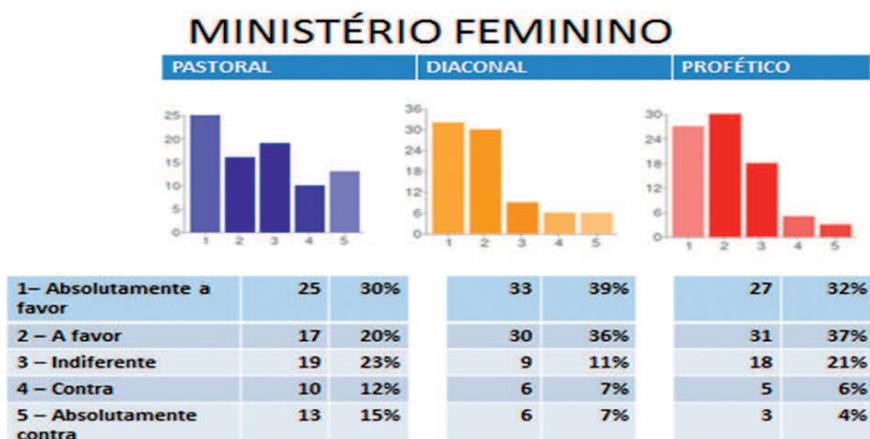
*Assinatura dos periódicos da CPAD e material didático.* Esse dado comprovou mais uma vez a polissemia assembleiana. As revistas da EBD, surgidas em 1923, foram ao longo de 80 anos uma “produção de sentido”<sup>29</sup>, homogêneo para a denominação. Do extremo Norte ao extremo Sul, todos os domingos, em absolutamente todas as igrejas, os membros estavam lendo o mesmo texto com a *mesma interpretação*. Nunca houve nestes cem anos de história uma divisão por questões teológicas, visto que havia uma única doutrina, ou talvez uma única interpretação. Agora não mais<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> WEBER, 2002; BERGER, 1985.

<sup>30</sup> Ha diversos sites e blogs assembleianos com o sugestivo título “Subsídios da Lição da EBD”, onde se analisa o texto oficial da Revista da EBD e se faz uma interpretação alternativa, portanto, fica visível a pluralização de interpretações do mesmo texto.

*Ministério Feminino Pastoral, Diaconal e Profético.* Segundo o registro oficial do Silas<sup>31</sup>, a Convenção 2009 “rejeitou a proposta por unanimidade”, mas há um abismo entre o registro oficial e a realidade. Os registros da Convenção de 1930 trazem apenas a informação de que as mulheres não podem mais exercer o ministério pastoral. Ora, se a Convenção precisou proibir era porque isso existia! Mas onde, como e quando? Não há registros...

Há uma considerável aprovação nos três aspectos, mas é muito significativo que a *menor* aprovação seja do exercício pastoral (30%) e a *maior* do diaconato (39%)<sup>32</sup>. Todavia, o caráter machista aparece de forma clara quando a pergunta é sobre o exercício pastoral de homens solteiros com 60% de aprovação e 25% de reprovação, em contradição ao exercício pastoral de mulheres solteiras, com apenas 39% de aprovação e 46% de reprovação.



*Participação institucional com outras igrejas, e vice-versa.* A antiga postura beligerante entre igrejas tradicionais e pentecostais se esvaziou? Parece<sup>33</sup>. A reprovação à relação com outras igrejas foi de apenas 1% e sua aprovação de 80%. Convite a um pregador não assembleiano teve uma aprovação ainda maior de 87%, e ironicamente sua reprovação também aumentou para 5%.

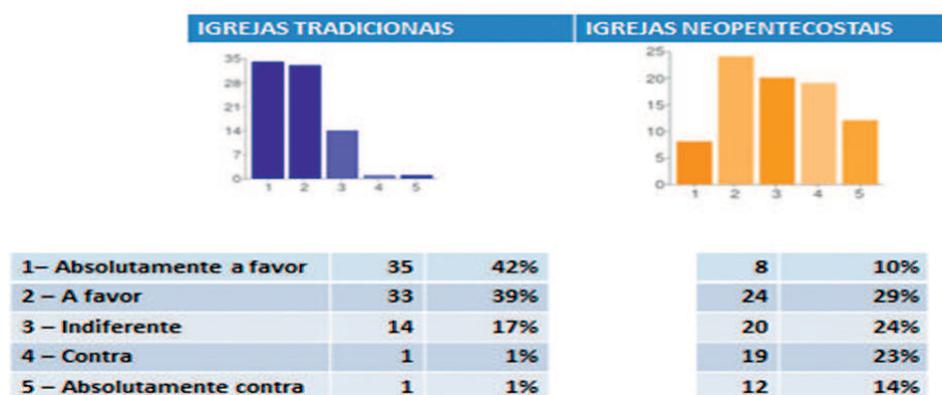
<sup>31</sup> DANIEL, 2004, p. 630.

<sup>32</sup> O exercício do diaconato seja por homens ou mulheres não rivaliza com o exercício pastoral. Diáconos ou diaconisas fazem um serviço de apoio ao pastor ou a igreja, de absoluta obediência e subserviência a instituição e poderes estabelecidos.

<sup>33</sup> Marcelo Crivela, bispo licenciado da IURD e atual Ministro da Pesca, pregou em março de 2012, na Catedral da IPB, no Rio de Janeiro, em 23/11/2013, na igreja da IPB de Manguinhos-RJ.

O ambiente, no entanto, ainda é confuso se considerarmos as relações entre as ADs e as igrejas neopentecostais, segundo a tabela abaixo. Se existe uma aprovação de 81% da relação com as tradicionais, há apenas 39% com as neopentecostais. Contudo, a reprovação fica mais acirrada, pois se a relação com as tradicionais é de apenas 2%, a reprovação às neopentecostais é de 38%. Fica claro que houve um apaziguamento e adequação das ADs com as denominações tradicionais (e vice-versa?<sup>34</sup>), mas ainda há pontos de tensão com os novos grupos, não por acaso seus principais concorrentes religiosos.

#### QUANTO AO RELACIONAMENTO DAS ADs COM:



#### Questões teológicas:

Aqui acontece o que chamo de “samba do teólogo doido”<sup>35</sup>. Verifica-se que há assembleianos de todos os matizes teológicos e quase nenhuma preocupação com a coerência, algo que Faustino Teixeira identifica<sup>36</sup> como “customização da fé”, mas nesse momento não estamos falando de consumidores indistintos, religiosos em trânsito, o grupo pesquisado é de pastores<sup>37</sup>. Acontece cada vez mais o que

<sup>34</sup> Aconteceu o que o Leonildo Campos chama de “tradicionalização dos pentecostalismos”

<sup>35</sup> ALENCAR, 2005.

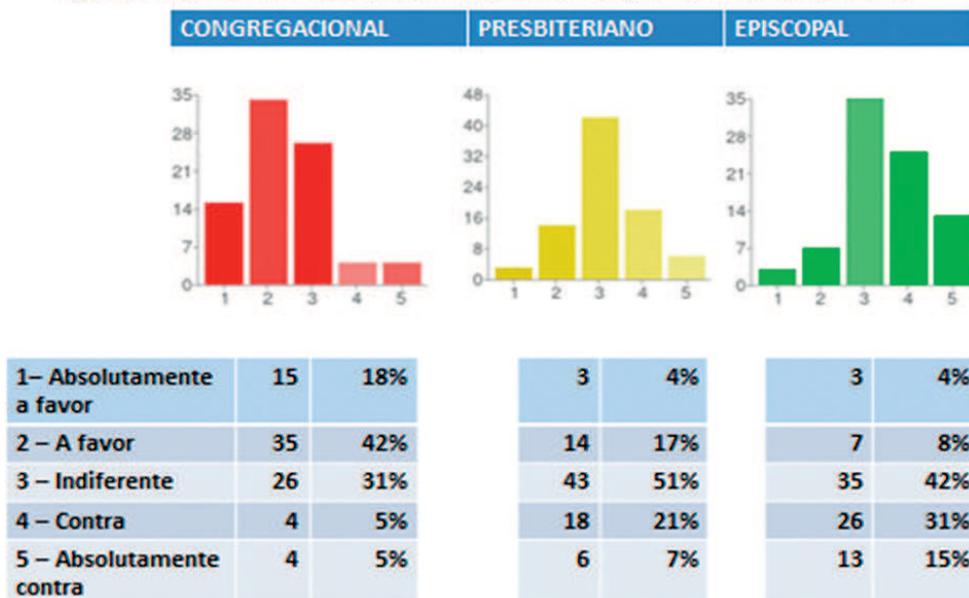
<sup>36</sup> TEIXEIRA, 2006, p. 73.

<sup>37</sup> Amorese (1995), por ocasião do primeiro e único Congresso da AEVB em 1994, faz um lamento sobre o que chama de “nova era evangélica”, criticando, de forma genérica, todo o universo evangélico por suas sínteses teológicas confusas. Patricia Birman (1996) fala dos “espaços de interlocução” estabelecidos entre os pentecostalismos e os cultos de possessão, embora sincretismo não seja uma especificidade brasileira, pois o judaísmo e o cristianismo primitivo também tiveram seus encontros religiosos nada “puros”.

Hervieu-Lérger<sup>38</sup>, no texto *O peregrino e o convertido. A religião em movimento* indica como “crise da transmissão”, pois se a tradição religiosa é uma tentativa de perpetuação, ela nunca acontece sem acidentes e alterações, pois os “processos de transmissão são múltiplos”, neste caso, existe o que denominei de “assembleianismos em movimento”, adaptando o termo de Lérger. Segundo Almeida<sup>39</sup> os distintos e diversos modelos pentecostais são caracterizados por “circularidade e pluralização” de valores e condutas. Esses “assembleianos em movimento” acompanham os processos de alteração<sup>40</sup>; mudanças estruturais, alterações de valores, de crenças e de comportamentos. No caso desta pesquisa, exclusivamente os dos pastores.

Quanto ao modelo administrativo episcopal, presbiteriano e congregacional, em aprovação, desaprovação e indiferenças, pouco se diferenciam.

#### QUANTO AO SISTEMA ADMINISTRATIVO, A IGREJA DEVE SER



O modelo congregacional é aprovado por 60%, o presbiteriano por 21% e o episcopal por apenas 12%. Por outro lado, o modelo episcopal é reprovado por 46%, o presbiteriano por 28% e o congregacional por

<sup>38</sup> HERVIEU-LÉRGER, 2008.

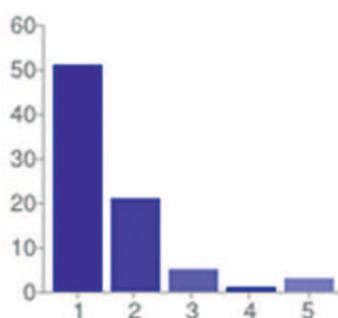
<sup>39</sup> ALMEIDA, 2006.

<sup>40</sup> Não estamos falando de evolução, progressão ou retraimento, pois esses termos contêm valores ideológicos que mais complicam do que ajudam na análise.

apenas 10%. O dado indicaria então que os pastores assembleianos são *congregacionais*, iguais aos seus congêneres nos EUA e AL? Mas onde estão esses teóricos congregacionais, já que no Brasil as ADs são majoritariamente episcopais<sup>41</sup>?

Além da glossolalia, um requisito fundamental da identidade pentecostal é a escatologia – doutrina da segunda vinda de Cristo<sup>42</sup>. Mas, parece, isso também está ficando difuso. Se considerarmos que 5% são contra e 6% indiferentes, temos 11% que não são *a favor* da desta doutrina. Por quê?

## ESCATOLOGIA



1 – Absolutamente a favor	53	63%
2 – A favor	22	26%
3 – Indiferente	5	6%
4 – Contra	1	1%
5 – Absolutamente contra	3	4%

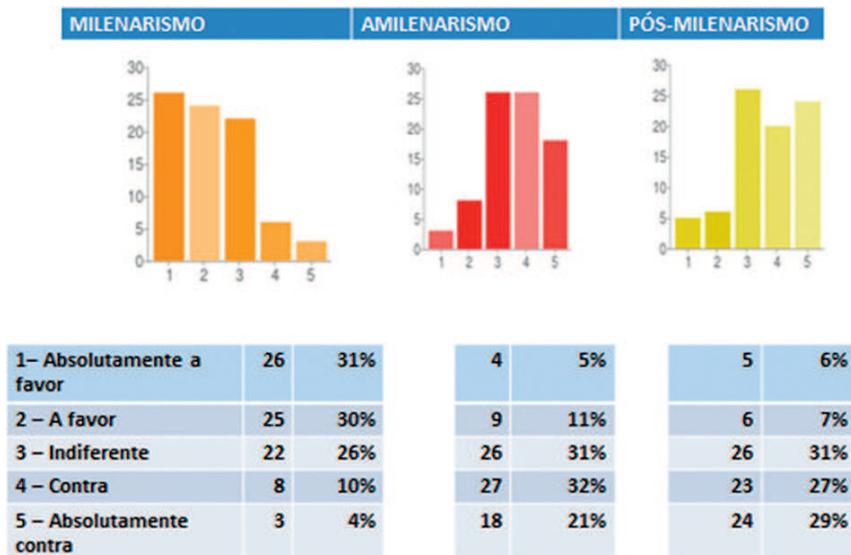
Uma questão subjacente a essa “salada” teológica é a doutrina do “fim do mundo”, nas três posições conhecidas: amilenarismo, milenarismo e pós-milenarismo<sup>43</sup>. Ainda que a aprovação majoritária continue sendo a

<sup>41</sup> Um pastor assembleiano de minha relação pessoal muito crítico do conservadorismo assembleiano terminou por se desligar de seu Ministério original e com um grupo fundou uma nova Assembleia. Segundo ele mais contextualizada, moderna e congregacional, mas ele se mantém como pastor-presidente. Na teoria congregacional, na prática, episcopal.

<sup>42</sup> No mês de novembro de 2013, a manchete principal do *Mensageiro da Paz* (ano 83, nº 1542) foi: “*Degeneração dos valores aponta à volta de Cristo*”. Um tema recorrente em todas as publicações das ADs ao longo dos anos.

<sup>43</sup> Os três posicionamentos teológicos são importantes, pois “determinam” a 2ª vinda de Cristo, o domínio do Anticristo e o Juízo Final. No caso, amilenarismo interpreta os textos bíblicos figurativamente, o milênio não é um espaço de tempo literal; no milenarismo, apegado à literalidade do texto, a vinda de Jesus estabelece seu reino milenar nos céus, enquanto na o Anticristo domina na terra durante mil anos; o

clássica doutrina milenarista, é considerável a “indiferença” (uma das mais equilibradas em toda a pesquisa) que os pesquisados dão ao tema. Enfim, um terço dos assembleianos se mostra *indiferente* aos três modelos.



### Questões políticas e sociais

*A politização e partidarização do pastorado e da institucional.* Ainda há muitas reservas quanto à participação política do pastor (52%), da igreja (48%) e ainda mais de um partido evangélico (62%), no entanto, os espaços de aprovação se aproximam. Neste tópico, tanto a *aprovação*, como a *indiferença* e a *reprovação*, são bem próximos. A grande questão é: em que rumo os novos líderes seguirão nos próximos anos?

Ironicamente, apesar das reservas a um partido político evangélico e da participação tanto pessoal como institucional, quando se trata de Israel o apoio aumenta. Esse tópico não é visto como *político*, mas *teológico*. Mesmo se consideramos os números contra e os indiferentes (23% e 10% respectivamente) é considerável que 33% desse grupo não tenham a posição típica e esperada dentro do meio evangélico em geral, de apoio automático e inquestionável a Israel<sup>44</sup>. Definitivamente, uma questão que merece um aprofundamento de análise.

pós-milenarismo trabalha com a ideia de que, após o milênio (não bem definido no quando e no onde), o tempo se consumará (Elweill, 1992).

<sup>44</sup> Visível em todos os seguimentos evangélicos brasileiros (nos EUA idem), é comum as igrejas colocarem uma bandeira de Israel no púlpito. No *Mensageiro da Paz*, há uma página mensal de textos de apoio explícito ao Estado de Israel.

QUESTÕES POLITICAS E SOCIAIS	Soma dos itens: 1- Absolutamente a favor; 2- a favor	3 Indiferente	Soma dos itens: 4- contra; 5- absolutamente contra
Participação Política do pastor	37	11	52
Institucional da Igreja	36	15	48
Partido Político Evangélico	20	18	62
Apoio ao Estado de Israel	68	23	10

*O perfil “direitista”*. Caricato ou não, o perfil de direita dos pastores assembleianos, segue um pouco mais acentuado ao padrão ideológico encontrado pelo Datafolha<sup>45</sup> em 49% do eleitorado brasileiro. Considerando os valores ideológicos apontados, tais como: acreditar em Deus, condenar o aborto e a homossexualidade, etc.

#### 4. Polêmicas, peculiaridades e tendências?

Esse pastor assembleiano, com curso superior, pós-graduação, acesso a internet e participante do mercado de trabalho, preserva os mesmos valores morais e institucionais das gerações anteriores. Será ele “portador da mesma conduta”? O perfil desse pastor mudou – fazer faculdade já é um indicador – e continua mudando, mas em qual direção? Quais são as novas “demandas de legitimação”<sup>46</sup> desse *grupo de status* assembleiano? Assuntos corriqueiros e antigos já estão definidos e *ordenados* pela tradição assembleiana e pela consciência coletiva assembleiana, como diria Durkheim. Então, talvez, uma das possibilidades de conhecer o novo pastor assembleiano, com nível superior de escolaridade, seria colocá-lo diante das questões de seu tempo. No caso, novas polêmicas.

Disputas teológicas fazem parte da identidade protestante desde o século XVI, conquanto também faça parte dessa identidade usar as “teologias” para disfarce de outras questões mais graves. O mesmo ocorre no ambiente pentecostal. As ADs, extremamente diferentes das AGs no EUA, nunca tiveram um racha denominacional por divergências teológicas<sup>47</sup>,

<sup>45</sup> FOLHA DE S. PAULO, 14.10.2013.

<sup>46</sup> BOURDIEU, 1999.

<sup>47</sup> As doutrinas trinitarianas e unicistas foram razões de divisões nos EUA; a doutrina da “segunda” e da “terceira” bênção (BURGESS, 1988). Um problema grave que ainda

todas as escaramuças nos seus anos de vida foram invasões de campos na luta fratricida entre os ministérios<sup>48</sup>. As três questões indicadas (teísmo aberto, riso santo e cair no espírito), no entanto, têm uma cara “teológica”, sem desconsiderar que elas são subproduto da luta entre os modelos de igrejas neopentecostais com a pretensão da tradição assembleiana em ser detentora da “pentecostalidade”<sup>49</sup>.

*Conservador na doutrina.* Excluindo a questão do teísmo aberto, que não é uma especificidade do pentecostalismo, os demais tópicos são tipicamente pentecostais – e esses fenômenos acompanham o movimento desde seu início, mesmo assim têm uma rejeição grande. Falta de conhecimento histórico? Gunnar Vingren registrou isso em seu diário, inúmeras vezes; não como algo excepcional, mas prática corriqueira de um pentecostalismo fenomenologicamente marcado pelo êxtase. Essa nossa classe sacerdotal escolarizada, com sintomas de algo que um teólogo chileno, Orrelana<sup>50</sup>, chama de “pentecostalismo lustrado” definitivamente se *tradicionalizou* e rejeita as manifestações estáticas? Não é sem motivo que a identificação deles com as igrejas tradicionais é de 81%.

*Modernização, sem modernidade*<sup>51</sup>. Totalizando os números de aprovação e indiferença, temos quanto ao ecumenismo 34% e aos cultos afro 22%. Serão *progressistas* esses novos pastores assembleianos? Como já indicado, provavelmente, essa postura menos separatista venha da convivência no ambiente acadêmico, mas não é assim tão automática e simples. Relacionando os dados de não aversão às igrejas tradicionais e neopentecostais vamos encontrar algo curioso. A reprovação ao contato com as igrejas tradicionais ficou em antepenúltimo lugar, já a reprovação ao contato com as igrejas neopentecostais foi de

---

hoje acompanha o pentecostalismo americano são as tensões segregacionistas. Porém, nenhum desses problemas teológicos e sociais chegou ao Brasil (Alencar, 2013).

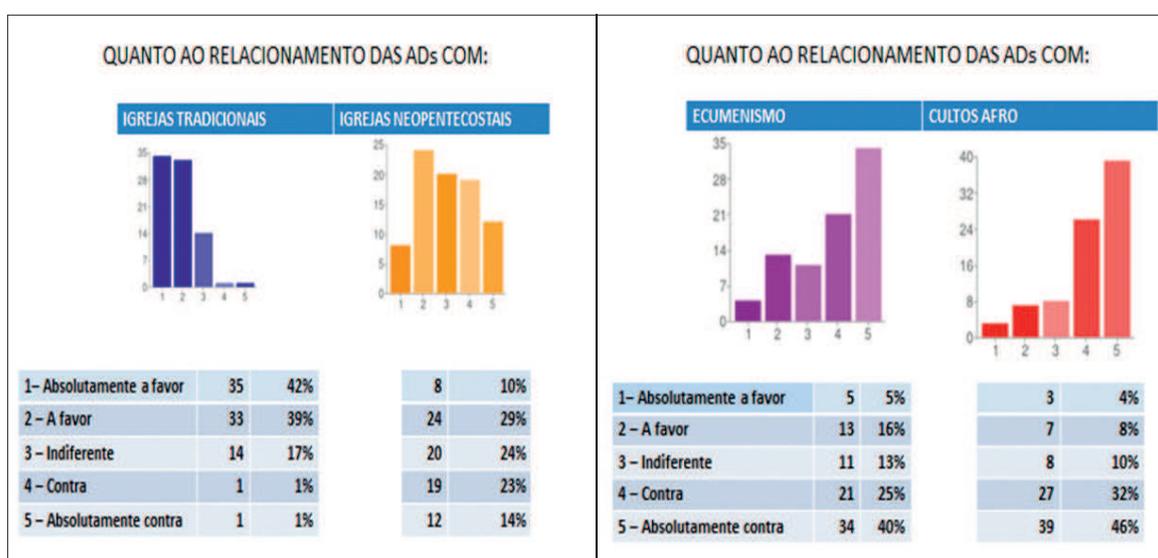
<sup>48</sup> CORREA, 2013; ALENCAR, 2010, 2013.

<sup>49</sup> BERNARDO CAMPOS, 1997.

<sup>50</sup> CHIQUETE, 2010.

<sup>51</sup> A expressão é emprestada de Moreira (1999), em seu texto “*Max Weber e o mal-colonial*”, onde resumidamente diz que o Brasil tem preocupação de modernização tecnológica mas com “adoção de acrílica de ideia estrangeiras; o bacharelismo e a cultura da ornamental; o autoritarismo; a democracia como equivoco; a confusão entre as esferas públicas e privadas, a mudança pelo alto e a modernização sem modernidade”.

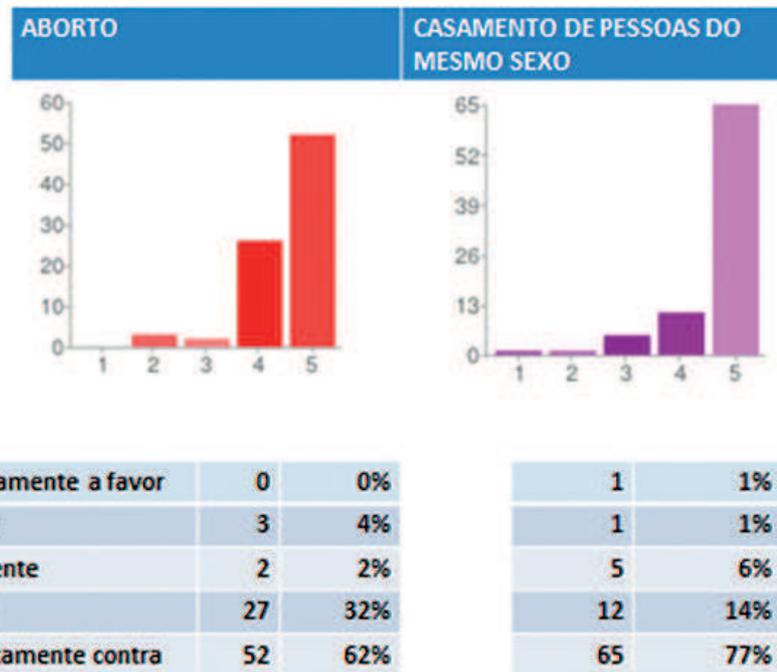
37%. No entanto, esse número precisa ser comparado a dois outros: primeiro, ao de condenação à teologia da prosperidade, que foi de 80%. Segundo, ao de “convite para um pregador não assembleiano” – aprovação 87% e reprovação de apenas 5%. Resumo do problema: é expressivamente a favor de convidar pregador não assembleiano (convite que deve ter reciprocidade...) <sup>52</sup>, mas é contra a teologia da prosperidade, mas bem ameno das relações com as igrejas neopentecostais (a favor e indiferente dá um total de 63%). Conclusão: na teoria é defensor da “pureza” doutrinária, na prática o corporativismo da reciprocidade tem mais força.



*Ultraconservador em questões morais.* Nenhuma novidade que foram os temas com maior reprovação, se a população brasileira em geral ainda é conservadora em temas, como por exemplo, casamento gay e aborto <sup>53</sup>, o que se podia esperar de pastores assembleianos? Uma reprovação acima da média brasileira, no caso, de 91% para casamento gay e 94% para aborto.

<sup>52</sup> Uma verificação nas listagens dos preletores de um dos eventos mais midiáticos do pentecostalismo assembleiano nos últimos anos, os *Congressos dos Gideões Missionários*, realizados pelas ADs em Camboriu- SC, mostra sinais explícitos de neopentecostalização.

<sup>53</sup> Segundo o Datafolha (*Folha de S. Paulo*, 21.07.2013), a rejeição ao casamento gay é de 57% e ao aborto de 70%.



Como já observado no tópico sobre o apoio a Israel, existem algumas questões que são interpretadas não como políticas, mas como teológicas e morais. Há pouca ou nenhuma abertura para uma análise da questão de saúde pública (no caso do aborto), ou de direitos civis (no caso dos homossexuais), levando, assim, a uma redução moralista e teológica da realidade. Encontra-se algo similar nos jornais no período da Primeira e Segunda Guerra Mundiais: a leitura da realidade era exacerbadamente escatológica, e todos os eventos eram tidos como sinais do fim dos tempos e da iminente vinda de Jesus.

Quadro resumo: maiores e menores aprovações, indiferenças e desaprovações:

DEZ <b>MAIORES</b> APROVAÇÕES	DEZ <b>MAIORES</b> INDIFERENÇAS	DEZ <b>MAIORES</b> REPROVAÇÕES
1 – 2ª. Vinda de Cristo /Evangelificação de Indígenas (89%)	1 – Sistema Eclesiástico Presbiteriano (51%)	1- Aborto (94%)
2- Convite pregador não assembleiano(87%)	2 – Sistema Episcopal (42%)	2 – Casamento entre pessoas do mesmo sexo (91%)
3 – Relação com igrejas tradicionais(81%)	3 – Renovação Carismática Católica (40%)	3 – Teologia da Prosperidade (80%)
4 – Participação com outra igrejas (80%)	4 – Transito religioso entre as ADs (36%)	4 – Relação com Cultos Afro (78%)
5 – Pregação com esboço (77%)	5 – Calvinismo (33%)	5 – Batismo Infantil – (75%)
6 – Ministério Diaconal Feminino (75%)	6 – Aspersão, Congregacional, Amilenarismo/pós, Teologia da Libertação(31%)	6 – Riso Santo (71%)
7- Batismo por imersão (71)	7 – Células Tronco /Cair no Espírito (30%) )	7 – Teísmo Aberto /Divórcio (69%)
8 – Ministério Profético Feminino (69%)	8 – Milenarismo (26%)	8 – Ecumenismo (65%)
9 – Apoio a Israel/batismo apenas de adultos (68%)	9 – Riso Santo (25%)	9 – Partido Político Evangélico (62%)
10- Material de outras editoras (66%)	10 – Relação com Igrejas Neopentecostais (24%)	10 – Pós-milenarismo (56%)
DEZ <b>MENORES</b> APROVAÇÕES	DEZ <b>MENORES</b> INDIFERENÇAS	DEZ <b>MENORES</b> REPROVAÇÕES
1 – Casamento de pessoas do mesmo sexo (1%)	1 – Aborto (2%)	1. Participação com outras Igrejas (1%)
2 – Teologia da Prosperidade (2%)	2-Casamento de pessoas do mesmo sexo/2ª. Vinda de Cristo (6%)	2. Pregação com esboço (2%)
3 – Riso santo(3%)	3 – Evangelificação de Indígenas 7%)	3 – Evangelificação de Indígenas (3%)
4- Inspiração na hora de falar/Aborto (4%)	4 – Cultos Afro (10%)	4 – 2a.Vinda de Cristo (5%)
5- Cair no Espírito (5%)	5 – Participação Política do Pastor /Ministério Diaconal Feminino (11%)	6 – Batismo por Imersão (7%)
6 – Batismo Infantil (6%)	6 – Ecumenismo (13%)	5 – Missão Integral (8%)
7 – Teísmo Aberto (10%)	7 – Ministério Pastoral – Mulheres Solteiras (14%)	7 – Apoio ao Estado de Israel/ Sistema Congregacional/ Ministério Profético Feminino(10%)
8 – Sistema Episcopal/Cultos Afro (12%)	8 – Ministério Pastoral – Homens Solteiros /Participação Política Institucional da Igreja (15%)	8 – Sistema Congregacional
9 – Renovação Carismática/Pós-milenarismo(13%)	9 – Batismo apenas de adultos /Divórcio (17%)	9 – Material Didático de outras editoras (12%)
10 – Doutrina de Usos e Costumes (15%)	10 – Partido Político Evangélico /Participação com outras Igrejas (18)	10 – Milenarismo / Ministério Diaconal Feminino (14%)

## Considerações finais

Parece ser impossível chegar à conclusão de uma pesquisa em curso, sobre um objeto de pesquisa em franca mutação, mas algumas obviedades são dadas. Acentuaremos duas considerações já indicadas.

Já é visível e irreversível o processo de desinstitucionalização. Nas ADs esse processo se acentuou em virtude das disputas políticas internas entre grupos de poder, pois nenhuma hegemonia conseguiu se estabelecer e articular um mínimo de dominação nacional única (seja no modelo carismático, tradicional ou racional, ou nas designações weberianas). Sempre houve alguma heterogeneidade dentro das ADs. Atualmente, além das diversidades teológicas e idiosincrasias dos ministérios corporativos, as lutas descambaram para os tribunais e brigas físicas.

Segunda consideração: os índices de crescimento das ADs e ensino universitário, que são parecidos quantitativamente, tendem a se distanciar. Se na década de 1990 as ADs cresceram 245%, na década de 2000 apenas 46%, alcançando doze milhões e meio de membros. O ensino superior cresceu na década de 1990 42% e a pós-graduação 126%. Na década 2000, o ensino superior subiu 101%, também ultrapassando a marca de doze milhões de indivíduos ingressantes; pós-graduação alcançou 157%. Resumo: segundo esses dados, o crescimento assembleiano estaria indo para uma estagnação, ou objetivamente, crescendo cada vez menos, mas o ensino superior e a pós-graduação ainda têm muito espaço para crescer. Unindo as duas questões: pastores assembleianos cada vez mais ingressarão no ensino superior e na pós? Como efeito óbvio da formação universitária, esses pastores/as serão cada vez mais autônomos e plurais. Nesse caso, então, a polissemia assembleiana está apenas começando.

## Referências

ABUMMANSSUR, Edin S. Os pentecostais e a modernidade. In: PASSOS, João Décio (org.). *Os movimentos do Espírito. Matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 115-134.

- ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim. Hipóteses sobre a (não) contribuição protestante à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus. Origem, militância e construção (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALENCAR, Gedeon. *Matriz Pentecostal Brasileira. Assembleias de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.
- ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.
- AMORESE, Rubem (ed.). *A Igreja na virada do milênio – a missão da Igreja em um país em crise*. Brasília: Comunicarte, 1995.
- ARAUJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BAPTISTA, Saulo. *Pentecostais e Neopentecostais na Política Brasileira. Um estudo sobre cultura, política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2009.
- BEGER, Peter. *O dossel sagrado – elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERG, David. *Daniel Berg – enviado por Deus*. Versão ampliada. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BURGESS, Stantey M. & Gray B. McGee (eds.). *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1988.
- CAMPOS M, Bernardo. *De La Reforma Protestante a La Pentecostalidade de La Iglesia. Debate sobre el Pentecostalismo em América Latina*. Quito: Ediciones CLAI, 1997.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximação e Conflito. In: GUTIÉRREZ, Benjamim F. & Campos, Leonildo Silveira (eds.). *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Aipral/Ed. Pendão Real, 1996, p. 49-62.

- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, Templo e Mercado – Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. São Paulo/Petrópolis: UMESP/Vozes, 1999.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco estudada. *Revista USP*, 67, 2005.
- CHIQUETE, Daniel & ORELLANA, Luis (ed.). *Voces Del Pentecostalismo Latinoamericano IV. Identidad, teologia, historia*. Haupén, Chile: RELEP, 2011.
- CONDE, Emilio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1960.
- CORREA, Marina A.O.S. *A operação do carisma e o exercício do poder. A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião, PUC-SP, 2012.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão Gospel. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DANIEL, Silas (org.). *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do Movimento Pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- ELWELL, Walter (ed.). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1992.
- FAJARDO, Maxwell. *Pentecostais, Migração e Redes Religiosas na periferia de São Paulo: um estudo do bairro de Perus*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, UMESP, 2011.
- FERNANDES, Rubem César (org.). *Novo nascimento – os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad/ISER, 1998.
- FRESTON, Paul. Entre o Pentecostalismo e o Declínio do Denominacionalismo: O Futuro das Igrejas Históricas no Brasil. In: GUTIÉRREZ, Benjamim F. & Campos, Leonildo Silveira (eds.). *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Aipral/Ed. Pendão Real, 1996, p. 257-276.
- GIANNETTI, Eduardo. *Vícios privados, benefícios públicos? Ética na riqueza das Nações*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- GUIMARÃES, Robson F. Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos. *REVER* – Revista de Estudos da Religião – PUC-SP, no. 1, v.5, 2005, p. 35-53.
- GUTIÉRREZ, Benjamim F. & Campos, Leonildo Silveira (eds.). *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Aipral/Ed. Pendão Real, 1996.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o convertido. A religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MOREIRA, Roberto. Max Weber e o mal-estar colonial. In SOUZA (org.). *O Malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- MELLO, Izabel Cristina Veiga. Uma Leitura de Gênero a Partir das Relações de Poder no Pentecostalismo Brasileiro. *Azusa – Revista de Estudos Pentecostais*, v. II, n. 1, jan/2011, Joinville – REFIDIM, 2011, p. 65-98.
- NIEBUHR, Richard, H. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: ASTE – Ciências da Religião, 1992.
- PASSOS, João Décio (org.). *Os movimentos do Espírito. Matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PIERUCCI, Antonio Flavio. *O desencantamento do mundo. Todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- POMMERENING, Claiton Ivan. Fábrica de Pastores: A Educação Teológica na Assembleia de Deus no Brasil. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana de et al. (orgs.). *Religião, Política, Poder e Cultura América Latina*. São Leopoldo: EST, 2012, p. 485-493. Disponível em: [http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/LV-RPPC\\_na\\_ALC.pdf](http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/LV-RPPC_na_ALC.pdf).
- REALY, Duncan. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1993.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma análise socior-religiosa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. 4ª. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.

## Anexo: Resumo da pesquisa

	<b>Soma dos itens: 1 – absolutamente a favor; 2 – a favor.</b>	<b>3 Indiferente</b>	<b>Soma dos itens: 4 -contra; 5 – Absolutamente contra</b>
<b>QUESTÕES DOCTRINÁRIAS</b>			
Doutrina da salvação			
– Arminianismo	<b>60</b>	<b>23</b>	<b>18</b>
– Calvinismo	<b>21</b>	<b>33</b>	<b>45</b>
Batismo ES – Apenas com línguas	<b>59</b>	<b>20</b>	<b>20</b>
Batismo nas águas			
– Imersão	<b>71</b>	<b>21</b>	<b>7</b>
– Aspersão	<b>25</b>	<b>31</b>	<b>44</b>
– Batismo infantil	<b>6</b>	<b>19</b>	<b>75</b>
– Apenas adultos	<b>68</b>	<b>17</b>	<b>16</b>
Doutrina- usos e costumes	<b>15</b>	<b>21</b>	<b>56</b>
Pregação – inspiração na hora de falar	<b>4</b>	<b>18</b>	<b>38</b>
– pregação com esboço	<b>77</b>	<b>20</b>	<b>2</b>
Escatologia			
– 2ª vinda de Cristo	<b>89</b>	<b>6</b>	<b>5</b>
– Milenarismo	<b>61</b>	<b>26</b>	<b>14</b>
– Amilenarismo	<b>16</b>	<b>31</b>	<b>53</b>
– Pós-milenarismo	<b>13</b>	<b>31</b>	<b>56</b>
Teologia			
– da libertação	<b>32</b>	<b>31</b>	<b>46</b>

– da Prosperidade	2
– da missão Integral	73
Polêmicas	
– teísmo aberto	10
– Cair no espírito	5
– Riso santo	3
– RCC	13
Evangelização de indígenas	89
QUESTÕES INSTITUCIONAIS	
Ministério pastoral feminino	50
Ministério diaconal feminino	75
Ministério profético feminino	69
Pastoral de Solteiros – homens	60
Pastoral de Solteiras – mulheres	39
Pastoral de seminaristas	64
Participação com outras igrejas	80
Convida pregador não assembleiano	87
SISTEMA ECLESIASTICO	
– Congregacional	60
– Presbiteriano	21
– Episcopal	12
RELACÃO DAS ADS	
– Igrejas tradicionais	81
– Igrejas neopentecostais	39

18
19
21
30
25
40
7
23
11
21
15
14
19
18
8
31
51
42
17
24

80
8
69
55
71
46
3
27
14
10
25
46
17
1
5
10
28
46
2
38

- Ecumenismo	21	13	65
- Cultos Afro	12	10	78
<b>MATERIAL DIDÁTICO</b>			
- exclusivo CPAD	28	24	47
- outras editoras	66	21	12
- trânsito religioso entre Ministérios ADs	40	36	24
<b>QUESTÕES POLITICAS E SOCIAIS</b>			
Participação Política do pastor	37	11	52
Institucional da Igreja	36	15	48
Partido Político Evangélico	20	18	62
Divórcio	15	17	69
Células Tronco	42	30	28
Aborto	4	2	94
Casamento de pessoas do mesmo sexo	2	6	91
Apoio ao Estado de Israel	68	23	10

Submetido em: 14/05/2014

Aceito em: 27/05/2015